

Análise do discurso aplicada em charges e cartuns políticos

Ana Caroline Luiza Sousa

UNIPAM

Orientação: Prof. Agenor Gonzaga dos Santos

Resumo: O presente trabalho, fundamentado em uma pesquisa bibliográfica e em análises de textos, consiste em um breve estudo à luz da teoria da Análise do Discurso de linha Francesa, aplicado em charges e cartuns políticos, bem como identificar nestes gêneros a ironia e o humor como estratégias de linguagem.

Palavras-chave: Análise do discurso. Ironia. Ideologia. Dialogia. Cartuns. Charges.

Considerações iniciais

Os estudos da linguagem sempre estiveram presentes em nossa sociedade e, de uma maneira geral, sempre se preocuparam mais com a linguagem como produto acabado, isento das condições de produção. À medida que tais estudos foram evoluindo, surgiu a necessidade de desviar o enfoque do produto final para enfatizar as condições do processo de produção.

Em frente de tal realidade, surge, na década de 1960, a teoria da Análise do Discurso, através dos estudos do lingüista lexicólogo, Jean Dubois, e do filósofo Michel Pêcheux. Essa nova Teoria sugeria que o objeto de estudo não deveria tratar da língua, nem da gramática, embora essas coisas lhes interessassem, e sim estudar o discurso, isto é, a palavra em movimento em que se procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história.

Embora existam muitas pesquisas sobre a maneira de trabalhar com a Análise do Discurso, os resultados ainda são deficitários, pois os estudos se limitam à identificação da formação ideológica e da formação discursiva nos textos.

Diante do exposto, intentamos desenvolver neste estudo uma análise discursiva acerca de cartuns e charges de cunho político, pois acreditamos que esta linha teórica nos possibilita os sentidos que buscamos compreender nos textos mencionados.

Para a consecução deste artigo, foram adotados dois tipos de investigação: a pesquisa bibliográfica, na qual não só realizamos uma compilação crítica dos teóricos que tratam da Análise do Discurso de linha Francesa, mas também a apresentação do papel do diálogo no discurso, a distinção entre o gênero charge e cartum, determinando suas condições de

signos ideológicos, portadores de elementos de natureza irônica e humorística. Por conseguinte, desempenhamos um levantamento de charges e cartuns divulgados na internet.

Não pretendemos inovar nem esgotar as possibilidades de análise dessa temática, mas suscitar, ainda que minimamente, uma reflexão sobre a questão de como se podem trabalhar esses gêneros em situações da leitura e da compreensão de seus desdobramentos.

1. Análise do Discurso e ideologia

A Análise do Discurso teve origem na década de 1960, em função das contribuições do lexicólogo Jean Dubois e do filósofo Michel Pêcheux. Conforme Mussalim e Bentes (2001) essa teoria tem como suporte o método de análise estruturalista, o conceito de ideologia marxista e o conceito de sujeito advindo da teoria psicanalítica, e tem como objetivo demonstrar que “o discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentido por/ para os sujeitos” (ORLANDI, 1999, p. 17).

Dessa forma, é possível afirmar que a ideologia resulta de uma prática social, portanto não é subjetiva, no sentido de oposição à objetiva. Ela nasce da atividade social dos homens no momento em que estes procuram representar essa atividade para si mesma. A ideologia se apresenta de forma invertida, se considerar que cada classe social deveria representar o seu próprio modo de existência de acordo com as experiências vividas no interior das relações sociais de produção; ou seja, as idéias que deveriam estar nos sujeitos sociais e em suas relações sociais determinadas pela realidade do processo histórico, são tomadas como determinantes dessa mesma realidade.

De acordo com Mussalim (2001, p. 11), a Análise do Discurso “se refere à linguagem apenas à medida que esta faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução em posições sociais” ou em conjunturas históricas. Assim, é possível afirmar que, o sujeito do discurso é condicionado pela ideologia e pela formação discursiva, o que irá permitir o que o sujeito pode ou deve falar em um determinado contexto.

A natureza de todo sistema de comunicação, de toda linguagem é eminentemente ideológica e a charge é uma delas, por ser desenho que se refere a fatos acontecidos em que agem pessoas reais, em geral conhecidas, com o propósito de denunciar, ironizar, criticar e satirizar.

Segundo Mikhail Bakhtin, todo signo é ideológico, caracterizado como uma realidade ideológica, que tem sua materialidade e que se constrói no ambiente social da comunicação, pela interação verbal.

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico instrumento de produção ou produto de consumo; mas ao contrário destes, ele também reflete e retrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. (...). A existência do signo

nada mais é do que a materialização de uma comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos. (BAKHTIN, 1999, p. 31-36).

Aqui o autor afirma que o signo reflete e retrata uma realidade. Ele reflete na medida em que se refere uma realidade que lhe é exterior e retrata porque, dentro dos seus mais variados índices de valor possíveis, um se sobressai e outros se ocultam. Decorre dessa constatação que o mesmo signo tem significados diferentes de acordo com a situação histórico/social do sujeito e que todo e qualquer discurso se constitui como diálogo entre vários enunciados, estes constituídos socialmente.

Assim, é através do condicionamento do sujeito à formação ideológica e à formação discursiva que o enunciador constrói representações fundamentais de seu discurso e dos lugares que ele e seu interlocutor ocupam, além de construir também as imagens que ele tem de seu interlocutor e as imagens que ele imagina que seu interlocutor tenha dele e de seu discurso. Dá-se, nessa perspectiva o jogo de imagens, que faz parte da teoria de Pêcheux.

Sob essa perspectiva teórica, pretende-se focalizar as charges e cartuns políticos veiculados na internet.

2. A ironia presente no discurso

A ironia surpreende-se como sendo um processo discursivo podendo ser observada em diferentes manifestações de linguagem.

Para Eco (apud BRAIT, 1996, p. 14), o destino interpretativo no discurso irônico, atua segundo uma estratégia que inclui previsões do movimento do outro.

Assim, os sinais contextuais em um enunciado promovem no plano da significação uma cumplicidade entre enunciado e o enunciatário, de tal modo que imediatamente o leitor pode compreender que aquilo que o locutor assume e anuncia como fato é a tradução de um desejo coletivo.

Nesse sentido, Beth Brait afirma que

O produtor de ironia encontra formas de chamar a atenção do enunciatário para o discurso, e através desse procedimento, contar com sua adesão. Sem isso a ironia não se realiza. O conteúdo, portanto, estará subjetivamente assinalado por valores atribuídos pelo enunciador, mas apresentados de forma a exigir a participação do enunciatário. (1996, P. 129)

Nesta perspectiva, constata-se que o discurso irônico desencadeia um jogo entre o que o enunciado diz e o que o enunciador quer dizer, contando com o envolvimento do enunciatário ou leitor.

Ainda nesse enfoque BRAIT (1996, p. 129-130), acredita que

O processo irônico fundamenta-se na lógica dos contrários na tensão entre o literal e o figurado e numa relação muito especial entre o enunciador e seu objeto de ironia, e entre o enunciador e o enunciatário. A ironia requer de seu produtor uma familiaridade muito grande com os elementos a serem ironizados, o que de imediato torna isomorfa a cisão constitutiva do seu sujeito, do seu produtor. Por outro lado, também o enunciatário espelha a cisão, na medida em que capta a sinalização emitida pelo discurso e, através dela, aciona sua competência discursiva, ou como parceiro de um ponto de vista do enunciador.

Desse modo, pode-se dizer que a natureza da ironia é a ambigüidade, por possuir vários sentidos, tornando a interpretação impossível de ser resolvida, e gerando muita das vezes o humor.

O objetivo de quem ironiza é desmascarar valores que se colocam como únicos e verdadeiros, denunciar problemas e acontecimentos culturais, sociais e históricos.

Nas charges e cartuns brasileiros podemos encontrar exemplos disso. Os cartunistas e chargistas mostram o aspecto negativo e vergonhoso em que se encontra o Brasil e, através de críticas e denúncias, expõem a situação política brasileira.

3. O papel do diálogo e do dialogismo

Neste capítulo entraremos em contato com uma das idéias fundamentais do pensamento de Bakhtin, que é a “dialogia”. Para este autor, qualquer enunciação produzida por seres humanos só pode ser compreendida se entendermos sua relação com outras enunciações. Bakhtin afirma que toda enunciação é um diálogo, que faz parte de um processo ininterrupto da comunicação humana. Um enunciado jamais pode ser entendido como fato isolado, pois ele pressupõe uma conexão com todos aqueles que o antecederam e com aqueles que o sucederá, um enunciado configura-se como o elo de uma cadeia e só é possível a sua compreensão dentro desta cadeia.

Bakhtin não se limita a considerar dialogia como diálogo estático entre indivíduos, em geral, ele se refere às muitas formas como duas ou mais vozes se inter-relacionam, considerando que as relações dialógicas são muito mais amplas, heterogêneas e complexas do que a mera redução ao instante da interlocução. Dois enunciados, aparentemente diferentes, emitidos em tempo e espaço diferenciados, quando confrontados em relação ao seu sentido, podem revelar uma relação dialógica.

Segundo MAINGUENEAU (1997, p. 77) os “enunciadores” são seres cujas vozes estão presentes na enunciação sem que lhes possa, entretanto, atribuir palavras precisas; efetivamente, eles não falam, mas a enunciação permite expressar seu ponto de vista. Ou seja, o “locutor” pode pôr em cena, em seu próprio enunciado, posições diversas da sua, instaurando a polifonia.

Dessa forma, percebemos que em uma formação discursiva (Pêcheux situa o conceito de formação discursiva como o que pode e deve ser dito numa dada conjuntura), haverá sempre a presença do outro, que confere ao discurso seu caráter heterogêneo.

Authier-Revuz (1982) aponta três tipos de heterogeneidade mostrada:

- a) aquela em que o locutor usa de suas palavras para traduzir o discurso de um Outro, ou recorta as palavras do Outro e as cita;
- b) aquela em que o locutor assinala as palavras do Outro em seu discurso, por meio de aspas ou itálico;
- c) aquela em que a presença do Outro não é explicitamente mostrada na frase, mas é mostrada no espaço do implícito.

Nesse conjunto, podemos dizer que os diálogos presentes nos cartuns e charges, em geral são utilizados com a finalidade de denúncia e de críticas, não estão necessariamente explícitos. O enunciador vai instaurando vários locutores, deflagrando um humor cujas entrelinhas atualizam representações de dada mentalidade, valores característicos de um dado momento ou cultura de forma implícita.

4. Análise do *corpus*

Vejamos a seguir algumas análises de charges e cartuns políticos que expressam a realidade política brasileira. Deve-se considerar que se no quadrinho houver somente personagens desconhecidos, será denominado “cartum”, caso os personagens forem reconhecidos será então uma “charge”¹.

A primeira análise será de um cartum:



¹ O termo charge é proveniente do francês “charger” (carregar, exagerar). Sendo fundamentalmente uma espécie de crônica humorística, a charge tem o caráter de crítica, provocando o hilário, cujo efeito é conseguido por meio do exagero. Ela se caracteriza por ser um texto visual humorístico e opinativo, que critica um personagem ou fato específico. Segundo Rabaça e Barbosa, A charge é um tipo de cartum “cujo objetivo é a crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política”. (Rabaça e Barbosa, 1978: 89) De acordo com os autores do Dicionário de comunicação, uma boa charge deve procurar um assunto atual e ir direto onde estão centradas a atenção e o interesse do público leitor. SILVA, in: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/5/03.htm>.

O cartum apresenta dois personagens, um deles está com a mochila nas costas presumindo que está indo para a escola e o outro está de mãos no bolso, tranqüilo, sem nada para fazer. Um dos personagens do cartum, em seu discurso classifica os estudantes de “idiotas”: “Eu não sou *idiota* de ir para a escola estudar”.

Sabe-se que, do ponto de vista ideológico, quem estuda tem uma maior visão sobre os fatos e aprimora seus conhecimentos. Mas, na fala do personagem, há uma contradição, feita propositalmente pelo cartunista para criticar a atual política brasileira, de forma mais direta os partidos do PT e PMDB, que são partidos que possuem muitos políticos envolvidos em escândalos de lavagem de dinheiro.

Portanto, podemos perceber a ironia no texto, fazendo-nos concluir que no Brasil quem estuda é “idiota” porque ao formar-se, a pessoa arruma um “emprego”, tendo que trabalhar e muitas das vezes ganhar um salário mínimo, ao passo que para ser um político e ter um “cargo” no PT ou no PMDB não é necessário estudar e estes é que são considerados “inteligentes”, não trabalham e ganham muito dinheiro.

No segundo cartum, temos:



O cartum mostra dois personagens jogando baralho e discutindo política. Um dos personagens fala sobre a prorrogação da CPMF, sabe-se que este é um tributo cobrado pelo governo federal às pessoas que fazem movimentações financeiras através de bancos e agências financeiras. O personagem diz: “A câmara aprovou, na calada da noite, a prorrogação da CPMF. Agora só falta passar pelo senado”. A expressão “calada da noite” já remete a uma crítica, é como se os deputados estivessem reunidos à noite para votarem a favor ou contra a CPMF, ou seja, às escondidas para não levantarem suspeitas. E como a câmara já aprovou a prorrogação, o personagem diz: “agora é só...”, esta expressão nos dá a idéia de que não falta quase nada para a tal prorrogação e que o senado logicamente a aprovaria.

O outro personagem em tom irônico diz: “Senado? Que senado, rapaz? Você chama aquilo lá de senado ainda?” Nesta fala ele quer dizer que já não existe mais senado, em que todos os políticos deveriam estar aptos a defender a “democracia” e o que fosse melhor para seu povo, mas a verdade é que lá não há ninguém disposto a defender a nação, o que os políticos querem se defender o seu próprio patrimônio financeiro, mesmo que tenham que prejudicar a população brasileira.

No terceiro, temos:



Encontramos nesta charge dois tipos de discurso: o discurso político, representado pelo presidente Lula e o discurso do povo, representado pela passadeira de roupa. Do ponto de vista ideológico tanto a fala do presidente Lula como a da passadeira estão adequadas às suas formações ideológicas, pois se sabe que no Brasil a maioria dos políticos não possui formação acadêmica e o Lula é um deles; e que o povo brasileiro em sua grande maioria não chega a fazer um curso no ensino superior, tornando-os assim mais vulneráveis à persuasão.

A intenção do chargista no discurso de Lula é de criticar, ironizar e satirizar o presidente, que usa de uma linguagem coloquial e, por não ter uma formação avançada para produzir um discurso coerente, ele acaba repetindo a mesma expressão: “as pessoas estão ganhando mais”, não explicando nada, e ao final usa uma gíria: “ora essa”, revelando que o presidente Lula tem pouca capacidade para produzir um discurso dentro de uma língua-padrão.

Já o pensamento da passadeira de roupas revela uma sátira ainda maior que gera ao final da leitura o humor, pois faz uma crítica ao povo brasileiro na sua incapacidade de compreender as sutilezas de um discurso retórico, no campo da política e da economia. Apesar de o presidente usar a forma coloquial para falar sobre o aumento da arrecadação, a passadeira não entendeu nada.

O que fica implícito é que o presidente Lula se utiliza de recursos retóricos e sutis, e por outro lado, que o povo é incapaz de entender essas sutilezas e de acompanhar o raciocínio enganador do discurso político.

No quarto quadro, temos:



O cartum possui vários outdoors com propagandas políticas, todos os candidatos estão sorridentes parabenizando a capital Manaus e ao final eles pedem ao povo o voto: “Não se esqueça de mim”, “me aguardem” e “estou aqui”. Diante dessa poluição visual temos dois homens sentados na calçada conversando, um dos homens diz que acredita na sinceridade sem segundas intenções, que nos deixa claro que a intenção do cartunista é mostrar que ainda podemos encontrar pessoas que são persuadidas e que acreditam que os políticos possuem boas intenções e são sinceros.

Por outro lado temos um homem consciente e bem informado que sabe que todas as propagandas são falsas e o que os políticos querem é o voto do povo de Manaus., Esse personagem faz uma crítica irônica ao dizer que acredita na intenção dos políticos assim como acredita em Papai Noel, Saci Pererê, Mula sem Cabeça, Mapinguari, Caipora e Cobra Grande, todos são histórias criadas e contadas às crianças, mas que não existiram e nunca vão existir, bem como a boa intenção dos políticos.

No quinto quadro, temos:



O cartum mostra a situação crítica em que se encontra a saúde no Brasil, as pessoas menos favorecidas não possuem nenhum tratamento digno em um hospital, os personagens do cartum estão só pele e osso, todos sujos com moscas ao redor e deitados no chão.

Um dos personagens vibra e fica muito alegre ao saber que a CPMF sendo aprovada a saúde terá mais verba. Mais uma vez a persuasão do governo sobre as classes pobres, mas que é uma grande falsidade porque a CPMF arrecada por ano bilhões de reais e o cenário da saúde no Brasil está cada vez pior.

Com esta crítica irônica o cartunista nos faz concluir que o dinheiro arrecadado mais uma vez será investido nas contas milionárias dos políticos enquanto que o povo continuará a sofrer com a falta de um atendimento médico digno, pois acreditar em promessas do governo é ilusão.

Considerações finais

O objetivo maior desta pesquisa foi compilar estudos que tratam sobre o trabalho com a Análise do Discurso em gêneros textuais (cartum e charges), buscando demonstrar que, através do discurso, podem se caracterizar socialmente, ideologicamente e politicamente os indivíduos, não deixando de explicitar a ironia e humor com características desses gêneros.

Tendo em vista as análises feitas nessa pesquisa podemos concluir que vários teóricos definem a Análise do Discurso de Linha Francesa, como uma teoria que centra o objeto de estudo não na fala, e sim no discurso. O objeto de estudo recai sobre as condições, sobre a situação, sobre o momento de produção. A questão que prevalece é o porquê de determinado indivíduo produzir determinado discurso. Neste sentido, a A. D. pode constituir-se como um profícuo alicerce na análise de textos. No entanto, ao proceder a um levantamento sobre as pesquisas que abordam o tema, percebe-se que os estudos acerca da análise dos gêneros charge e cartum são escassos. Por tal motivo, o presente trabalho apresenta algu-

mas sugestões aos futuros profissionais da educação, uma vez que oferece a possibilidade de desencadear junto aos alunos uma reflexão acerca da interpretação do texto, levando em consideração a questão social, histórica e ideológica.

Portanto, esperamos que este estudo do processo do discurso, em especial realizado em charges e cartuns políticos, possam contribuir para trazer maior interesse para a leitura, na medida em que leve o aluno a atingir, como leitor, a interação do enunciador junto à sátira política, descobrindo o motivo que provoca o humor e a ironia e assim, conseqüentemente, posicionar-se de forma mais crítica na leitura desses tipos de textos.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 9. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3 ed. Campinas: Pontes/ Editora da UNICAMP, 1997.

MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, v. 2.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

SILVA, Danielle de Barros Macedo. *A charge em sala de aula*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/5/03.htm>.

<<http://www.chargeonline.com.br/doano.htm>.